A INFLUÊNCIA DA DISCIPLINA DE ARTES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

ELOÍSE PEDRINA DIAMANTINO JANUÁRIO

RESUMO

Este estudo investiga a influência da disciplina de Artes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, por meio de uma revisão bibliográfica que visa identificar, selecionar e avaliar criticamente pesquisas relevantes, proporcionando um suporte teórico-prático para a abordagem do tema. O objetivo principal é explorar como o ensino de Artes nesses primeiros anos pode ser fundamental para promover habilidades de pensamento criativo e resolução de problemas essenciais para o século XXI. Os objetivos específicos incluem examinar evidências empíricas que estabeleçam a influência das Artes na aprendizagem das crianças, verificar se a disciplina contribui para melhorias no desempenho acadêmico e em resultados mais amplos, além de identificar as implicações das atividades artísticas no desenvolvimento do capital cultural dos alunos. As análises realizadas indicam que o engajamento dos alunos do Ensino Fundamental nas Artes, aliado ao desenvolvimento da criatividade, exerce um impacto positivo em todas as dimensões da aprendizagem, abrangendo aspectos físicos, pessoais e sociais. Assim, a disciplina de Artes demonstra-se uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento integral dos estudantes, reforçando a importância de sua inclusão e valorização no currículo escolar. Para consolidar os achados e ampliar o impacto da disciplina de Artes no Ensino Fundamental, torna-se essencial a realização de pesquisas futuras que aprofundem a compreensão sobre a relação entre práticas pedagógicas específicas e os diversos aspectos do desenvolvimento infantil. Estudos longitudinais poderiam investigar os efeitos de longo prazo do ensino de Artes na formação de competências socioemocionais, como empatia, resiliência e cooperação. Por fim, é relevante explorar como diferentes abordagens metodológicas, incluindo o uso de tecnologias digitais, podem enriquecer o ensino de Artes e potencializar seus benefícios.

PALAVRAS-CHAVE: Artes; Ensino fundamental; Capital cultural.

INTRODUÇÃO

Desde as primeiras manifestações artísticas, como pinturas rupestres, trajes decorativos, danças rituais e contação de histórias, as artes têm desempenhado um papel central na experiência humana. Nesse contexto, torna-se evidente a importância de estudar a influência da disciplina de Artes nos anos iniciais do Ensino Fundamental. As crianças estão imersas em um ambiente repleto de expressões artísticas, mas a forma como essas experiências impactam suas vidas varia significativamente. Compreender essas vivências a partir da perspectiva infantil pode capacitar os professores a proporcionar experiências artísticas mais relevantes e enriquecedoras na sala de aula.

É essencial considerar os ambientes nos quais as crianças interagem com as artes e avaliar o significado dessas experiências sob sua ótica. Para isso, o estudo utiliza um levantamento bibliográfico que busca identificar, selecionar e avaliar criticamente pesquisas relevantes, oferecendo suporte teórico e prático para discutir o tema. A lente teórica do capital cultural é empregada para examinar como as experiências artísticas contribuem para a formação do capital cultural e seu valor para o desenvolvimento infantil.

Os objetivos principais deste estudo incluem investigar o papel da disciplina de Artes na promoção de habilidades como pensamento criativo e resolução de problemas, além de avaliar sua influência na aprendizagem e em outros aspectos do desenvolvimento. Também busca-se analisar as implicações das atividades artísticas escolares no enriquecimento do capital cultural das crianças. Evidências sugerem que a participação nas artes nos anos iniciais do Ensino Fundamental tem um impacto positivo em diversas dimensões do aprendizado, incluindo aspectos físicos, pessoais e sociais, destacando a importância dessa disciplina para o desenvolvimento integral dos alunos.

A inclusão das Artes como componente

curricular nos anos iniciais do Ensino Fundamental vai além do desenvolvimento de habilidades técnicas, como o desenho ou a música. Ela fomenta a expressão individual, a criatividade e a capacidade de resolver problemas de forma inovadora, competências essenciais para os desafios do século XXI. Quando as crianças têm oportunidades de interagir com diversas formas de arte, elas não apenas aprendem a se comunicar de maneira mais rica, mas também desenvolvem habilidades socioemocionais, como empatia, autoconfiança e colaboração.

Além disso, as atividades artísticas proporcionam um espaço para explorar a diversidade cultural e valorizar diferentes formas de expressão, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos com as diferenças. O envolvimento com as Artes também estimula o pensamento crítico, uma vez que as crianças são incentivadas a observar, interpretar e criar com base em suas próprias experiências e referências.

Do ponto de vista pedagógico, a integração das Artes no currículo pode oferecer um equilíbrio entre conteúdos acadêmicos e práticas que priorizem o desenvolvimento humano de maneira integral. Pesquisas apontam que alunos expostos a atividades artísticas apresentam maior engajamento escolar e melhorias em outras áreas, como matemática e linguagem, demonstrando a interdisciplinaridade da arte como ferramenta de ensino.

Por fim, ao considerar as Artes como um meio de enriquecer o capital cultural das crianças, abre-se um caminho para reduzir desigualdades educacionais. Crianças que têm acesso a experiências artísticas variadas ampliam suas perspectivas de mundo e adquirem recursos simbólicos que influenciam positivamente seu desenvolvimento pessoal e social. Portanto, é essencial que novas pesquisas aprofundem o entendimento do impacto das Artes na educação básica, fortalecendo seu papel como pilar para uma educação mais completa e equitativa.

DOS CONCEITOS DE ARTES, CRIATIVIDADE, EDUCAÇÃO E IMAGINAÇÃO E OS BENEFÍCIOS COGNITIVOS NO CAMPO DA APRENDIZAGEM

A arte-educação, ao transcender o aprendizado técnico, amplia horizontes para além da simples aquisição de habilidades artísticas, integrando dimensões emocionais, sociais e culturais ao processo educativo. Essa abordagem interdisciplinar não apenas enriquece o aprendizado, mas igualmente promove uma formação integral que prepara os indivíduos para uma vida plena e participativa. Nesse panorama, o papel da arte-educação ultrapassa os limites da sala de aula, contribuindo para a construção de competências fundamentais em diversos contextos.

Mansour et al. (2016) ressaltam que o envolvimento em atividades artísticas desde cedo favorece o desenvolvimento socioemocional, destacando competências como empatia e autodisciplina. Essas habilidades são essenciais em uma sociedade que demanda interações cada vez mais colaborativas e sensíveis às diferenças. Entretanto, é pertinente refletir sobre os desafios de implementar essas práticas em realidades onde o acesso às artes ainda é restrito, seja por questões econômicas, culturais ou institucionais. De igual forma, o apoio familiar, como aponta Barrett et al. (2012), é essencial nesse processo, mas nem todas as famílias têm à disposição recursos ou tempo para proporcionar às crianças um ambiente rico em estímulos culturais. Tal cenário evidencia a necessidade de políticas públicas que possam reduzir essas lacunas, democratizando o acesso às experiências artísticas.

No cenário tecnológico, as artes têm se reinventado, como destacam Tan et al. (2017). As tecnologias digitais abrem caminhos para novas formas de expressão e aprendizado, permitindo que indivíduos explorem conteúdos de maneira autodirigida. Contudo, é relevante questionar até que ponto essa democratização digital é efetiva, visto que a desigualdade no acesso à tecnologia ainda persiste em muitos países. Além disso, a interação digital pode enriquecer o aprendizado, mas não deve substituir completamente as experiências sensoriais e coletivas promovidas pelas práticas artísticas presenciais.

A valorização da criatividade no mercado de trabalho, conforme observa Cropley (2014), é um argumento contundente para reforçar o papel estratégico da arte-educação. Todavia, é necessário refletir sobre como a

instrumentalização da criatividade para fins econômicos pode restringir sua dimensão mais ampla, que abrange aspectos subjetivos e culturais. A criatividade não deve ser vista unicamente como uma ferramenta para a competitividade, mas também como um componente essencial para a expressão humana e a transformação social.

Beghetto (2016) aponta barreiras institucionais, como currículos rígidos e a pressão por resultados imediatos, que dificultam a inclusão de práticas criativas no ambiente escolar. Essa crítica é relevante e sublinha a necessidade de reavaliar modelos pedagógicos tradicionais que negligenciam o potencial transformador das artes. A formação continuada de professores, conforme sugere Kaufman et al. (2016), é um passo crucial, mas precisa ser complementada por mudanças estruturais que criem ambientes mais flexíveis e abertos à experimentação.

A arte-educação também tem um papel expressivo na construção de identidades culturais e na promoção da coesão social. Iniciativas em espaços públicos, como evidenciam Mansour et al. (2016), têm o potencial de fortalecer laços comunitários e valorizar a diversidade cultural. Ainda assim, é imprescindível garantir que essas ações sejam inclusivas e não apenas voltadas para um público já engajado culturalmente. Isso demanda esforços concretos para alcançar comunidades marginalizadas e fomentar uma verdadeira democratização da cultura.

No campo da saúde mental, as artes emergem como uma ferramenta eficaz para o bem-estar, oferecendo meios de expressão e alívio emocional. Essa perspectiva, embora amplamente reconhecida, ainda enfrenta resistência em escolas que priorizam disciplinas consideradas "mais importantes". No entanto, negligenciar o impacto das artes no bem-estar emocional dos alunos é desconsiderar um aspecto central de sua formação integral.

Por último, a valorização da arte-educação exige uma mudança de paradigma que reconheça seu impacto profundo no desenvolvimento humano. Políticas públicas consistentes, que integrem as artes ao currículo escolar de maneira significativa e garantam recursos adequados, são indispensáveis para superar a visão restrita que subestima seu papel. Apenas assim será possível construir uma sociedade que valorize não somente a utilidade prática da educação, mas também sua capacidade de inspirar, conectar e transformar.

INFLUÊNCIA DO ENSINO DE ARTES PARA O DESENVOLVIMENTO DE CAPITAL CULTURAL

O debate sobre a influência do capital cultural dos pais no interesse das crianças pelas artes revela a complexidade das relações entre práticas culturais e dinâmicas sociais. Estudos quantitativos, como os de Melnick et al. (2011), sugerem que o capital cultural dos pais tem impacto significativo na formação do interesse artístico dos filhos, o que reforça a ideia de que o acesso a recursos culturais e educativos no lar é determinante para o engajamento infantil. No entanto, a perspectiva de Debenedetti et al. (2009), baseada em abordagens qualitativas, destaca um paradoxo: em alguns casos, níveis elevados de capital cultural podem inibir a autonomia das crianças na exploração artística, devido à imposição de expectativas excessivas ou à superestruturação de suas atividades. Essa tensão sugere que o capital cultural, embora enriquecedor, também pode ser uma fonte de pressão e controle.

Bourdieu e Passeron (1990) aprofundam essa discussão ao introduzir o conceito de "habitus de classe", que reflete como as disposições e práticas culturais são moldadas por contextos sociais específicos. Esse habitus, ao ser transmitido de geração em geração, pode reproduzir desigualdades estruturais. Por exemplo, museus de arte, conforme Bourdieu e Darbel (1990), frequentemente se tornam espaços de exclusividade, reforçando a ideia de que são destinados às classes altas, enquanto indivíduos das classes trabalhadoras se sentem deslocados ou desconectados desses ambientes. Essa crítica é válida, mas merece ser complementada por reflexões sobre como museus podem ser repensados como espaços democráticos, acessíveis a diversas comunidades.

A violência simbólica, outro conceito central em Bourdieu (1998), é particularmente pertinente nesse contexto. Ela refere-se às formas sutis e quase invisíveis de exclusão que

perpetuam desigualdades, como a elitização de práticas culturais. Por exemplo, ao associar museus a prestígio e sofisticação, as instituições culturais frequentemente alienam aqueles que não possuem o capital cultural necessário para se sentirem pertencentes. Essa barreira psicológica é tão poderosa quanto as limitações financeiras, sublinhando a necessidade de intervenções educacionais inclusivas.

Iniciativas como visitas guiadas e oficinas interativas em museus, descritas por Dias (2014), têm o potencial de reconfigurar o habitus e ampliar as disposições culturais. Contudo, é fundamental questionar até que ponto essas ações conseguem ultrapassar a superficialidade e promover mudanças duradouras nas percepções culturais dos visitantes. A teoria da zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky sugere que a mediação é essencial para o aprendizado, mas é necessário explorar como essa mediação pode ser efetivamente adaptada às necessidades de diferentes públicos.

A tecnologia digital, como argumenta Tan (2015), oferece novas possibilidades para romper barreiras físicas e econômicas ao acesso às artes. Plataformas interativas e conteúdos digitais permitem que experiências artísticas sejam personalizadas e acessíveis, ampliando o engajamento cultural. Todavia, a dependência de tecnologias digitais também levanta questões sobre a inclusão digital, já que o acesso a dispositivos e à internet ainda é desigual em muitos contextos.

Cropley (2014) destaca a criatividade como um benefício central do envolvimento com as artes, observando sua relevância crescente em um mundo competitivo. Entretanto, a promoção de criatividade nas escolas enfrenta desafios práticos, como currículos rígidos e a falta de formação específica dos professores. Além disso, é crucial considerar como a criatividade pode ser cultivada de maneira equitativa, especialmente em comunidades marginalizadas.

Young (2000) contribui para o debate ao apontar como instituições culturais são moldadas por valores e interesses dominantes, influenciando o acesso e a percepção social. Essa observação reforça a necessidade de repensar a estrutura dessas instituições para que elas se tornem mais inclusivas e receptivas às diversidades culturais.

Pesquisas como as de Bennett et al. (2009) e Fleming (2002) identificam barreiras econômicas e estruturais que limitam o acesso a espaços culturais. Essas barreiras não apenas excluem indivíduos, mas também moldam atitudes negativas em relação à cultura. A superação dessas barreiras exige estratégias políticas e pedagógicas que abordem tanto as desigualdades estruturais quanto as disposições individuais.

Finalmente, como argumenta Gadotti (2005), a educação em museus deve priorizar experiências significativas que conectem os visitantes às obras de forma emocional e intelectual. No entanto, para que isso aconteça, é necessário ir além da simples democratização do acesso e focar na transformação estrutural das práticas culturais e educacionais. Apenas assim será possível criar condições para que o capital cultural seja redistribuído de maneira mais equitativa, promovendo o acesso às artes como um direito universal e não como privilégio.

INFLUÊNCIA DA DISCIPLINA DE ARTES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A literatura sobre experiências artísticas nas escolas oferece um panorama diversificado, destacando estudos qualitativos em países do mundo minoritário. Greenwood (2011) salienta a diferença entre as práticas artísticas realizadas em casa e na escola. Enquanto o ambiente doméstico favorece a arte autoiniciada e espontânea, o formato escolar muitas vezes é prescrito e limitador. Essa observação é válida, mas apresenta um viés ao simplificar a dinâmica escolar, desconsiderando iniciativas que buscam integrar práticas mais flexíveis e criativas no ambiente educacional.

A confiança dos professores no ensino de arte é um fator determinante para a valorização dessa disciplina pelos alunos, especialmente aqueles com pouca exposição artística fora da escola (Robb, 2019). Essa afirmação, embora fundamentada, ignora as barreiras estruturais enfrentadas por professores, como falta de formação específica e recursos limitados, que frequentemente

comprometem a eficácia do ensino de arte.
Baer (2010) propõe uma estrutura de criatividade em quatro níveis, contribuindo para uma compreensão mais profunda desse fenômeno. No entanto, a aplicação prática dessa estrutura nas escolas é pouco explorada. Kaufman et al. (2016), ao identificar uma relação entre desenho e escrita criativos, mas não entre artes criativas e matemática, oferecem uma perspectiva interessante, mas que pode ser vista como limitada, já que não considera como as artes podem influenciar habilidades matemáticas indiretamente, por meio do pensamento crítico e da resolução de problemas.
A hibridização do currículo artístico, como proposto por Robb (2019), é apontada como um benefício tanto para professores quanto para alunos, promovendo experiências mais integradas. No entanto, isso requer investimentos em formação docente e infraestrutura, aspectos que não são suficientemente discutidos na literatura. Além disso, as filosofias de Dewey (1934) e Malaguzzi (1993) enfatizam ambientes democráticos e criativos, mas sua implementação no contexto escolar enfrenta desafios práticos significativos, como as restrições impostas por políticas educacionais centralizadas.
O impacto das desigualdades sociais e políticas na educação artística também merece atenção crítica. Keijer et al. (2016) apontam que o status cultural dos pais influencia mais do que o status econômico nos resultados educacionais. Embora isso desafie a ideia das artes como um campo emancipador, a análise poderia ser ampliada para incluir como práticas educacionais podem mitigar essas desigualdades, em vez de apenas descrevê-las.
Espaços colaborativos, como os "espaços maker" mencionados por Trowsdale (2016), são promissores na promoção de interação cultural e desenvolvimento econômico. No entanto, a mercantilização das artes em tais espaços pode comprometer sua capacidade de transformação social. Isso exige uma abordagem mais equilibrada, que valorize tanto os aspectos econômicos quanto os sociais da educação artística.
Piaget (1962) e Vygotsky (1991) exploraram a relação entre artes visuais e cognição, destacando o potencial das artes para influenciar o desenvolvimento intelectual. Essas perspectivas, embora amplamente aceitas, precisam ser reinterpretadas à luz das demandas contemporâneas, que incluem o pensamento crítico e a habilidade de navegar em um ambiente saturado de informações visuais.
A transição para uma cultura visual, como defendido por Alter (2010), desafia os professores a incentivar o pensamento crítico e a exploração de ambiguidades. Apesar disso, o financiamento inadequado e a falta de formação docente continuam sendo barreiras significativas. Essa tensão entre as expectativas para a educação artística e as condições reais de ensino evidencia a necessidade de políticas educacionais que priorizem a arte como um componente essencial do currículo.
No mais, a educação artística deve se adaptar às demandas da sociedade contemporânea, promovendo diversidade e engajamento crítico. Isso inclui reconhecer e superar as desigualdades estruturais que restringem o acesso às artes, garantindo que sua integração ao currículo não seja apenas um ideal, mas uma prática transformadora e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em razão do exposto, é possível concluir que, na sociedade contemporânea, fortemente influenciada pela mídia, o conhecimento das artes se configura como uma parte essencial da alfabetização cultural. Estamos constantemente expostos a um vasto conjunto de imagens e representações que exigem nossa capacidade de leitura crítica e discernimento. Para que possamos tomar decisões informadas, tanto como consumidores quanto como cidadãos, é fundamental que estejamos aptos a interpretar as produções artísticas que nos cerca.
O impacto positivo das artes na educação, especialmente no que se refere aos resultados de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é cada vez mais evidente em estudos empíricos. A pesquisa realizada demonstrou relações sólidas entre a inserção das artes na educação e os avanços cognitivos das crianças, abrangendo áreas como alfabetização, numeramento e habilidades sociais. Tais achados corroboram a

importância das artes não apenas como um campo de conhecimento autônomo, mas também como um meio facilitador para o desenvolvimento de outras competências fundamentais.

A disciplina de Artes, quando inserida de maneira estratégica no currículo, contribui para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade dos alunos. Por meio da participação em projetos e processos artísticos, é possível fomentar uma educação inclusiva, significativa e que atenda às necessidades de todos. Para muitas crianças, a escola se apresenta como o único espaço de acesso à cultura e, ainda mais, ao capital cultural, revelando o papel fundamental da educação artística no processo de democratização cultural.

Nesse contexto, é imprescindível que a transformação potencial das artes na educação vá além das promessas presentes na política educacional. Para que se efetive, é necessário repensar a ação pedagógica, levando em consideração as experiências culturais e criativas de cada indivíduo. A valorização das formas de arte oral e intercultural, a reflexão sobre as culturas visuais e materiais e a reavaliação do currículo de Artes são passos fundamentais para que a educação artística se torne mais inclusiva, contemporânea e plural.

Portanto, é urgente superar o modelo tradicionalista e excludente que ainda persiste em muitas escolas, afastando-se das estruturas restritivas e rígidas. A arte deve ser entendida como uma prática cotidiana que se conecta com as experiências vividas pelos alunos, permitindo-lhes expressar e refletir sobre suas realidades.

Para futuras pesquisas, é recomendada a realização de estudos longitudinais em maior escala, com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre a forma como as crianças adquirem e utilizam o capital cultural. Além disso, é essencial investigar a natureza dessa herança cultural e o papel da disciplina de Artes nesse processo, de modo a ampliar as evidências sobre a sua contribuição para a formação integral dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALTER, F. Usando as artes visuais para aproveitar a criatividade. Observatório da UNESCO. Faculdade de Arquitetura, Construção e Planejamento, Universidade de Melbourne, 1 (5), 2010. Disponível em: http://www.abp.unimelb.edu.au/unesco/ejournal/pdf/alter_paper.pdf. Acesso em: jan. 2025.

BAER, J. O domínio da criatividade é específico? In: KAUFMAN, J. C; STERNBERG, R. J (Eds.). The Cambridge Handbook of Creativity (pp. 321 341). Nova York: Cambridge University Press, 2010. Disponível: https://www.cambridge.org/core/books/cambridge-handbook-of-creativity/is-creativitydomain-pecific/15917F61E11F420DBB9A8D1B02DBC90B. Acesso em: jan. 2025.

BARRETT, M. S; EVERETT, M. C; SMIGIEL, H. M. Significado, valor e envolvimento nas artes: descobertas de uma investigação participativa das percepções das artes em crianças australianas. Jornal Internacional de Educação, 44 (2), 185 – 201, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s13158 012 0059 9. Acesso em: jan. 2025.

BEGHETTO, R. A. Aprendizagem criativa: um novo olhar. Journal of Cognitive Education and Psychology, 15, 1 – 18, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1891/1945-8959.15.1.1. Acesso em: jan. 2025.

BENNETT, T; SAVAGE, M; SILVA, E; WARDE, A; GAYO CAL, M; WRIGHT, D. Cultura, classe, distinção. Abingdon, Inglaterra: Routledge, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.4324/9780203930571. Acesso em: jan. 2025.

BOURDIEU, P. Razão prática. Cambridge, Inglaterra: Polity Press, 1998. Disponível em: http://scholar.google.com/scholar_lookup?hl=en&publication_year=1998&author=P.+ Bourdieu&title=Practical+reason. Acesso em: jan. 2025.

BOURDIEU, P; DARBEL, A. O amor pela arte: os museus de arte europeus e o seu público. Stanford, CA: Stanford University Press, 1990. Disponível em: http://scholar.google.com/scholar_lookup?hl=en&publication_year=1990&author=P.+ Bourdieu&author=A.+-

Darbel&title=The+love+of+art%3A+European+art+museums+a nd+their+public. Acesso em: jan. 2025.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. Reprodução na educação, sociedade e cultura. Londres: Sage, 1990. Disponível em: http://scholar.google.com/scholar_lookup?hl=en&publication_year=1990&author=P.+Bourdieu&author=J.%E2%80%90C.+Passeron&title=Reproduction+in+education%2C+society+and+culture. Acesso em: jan. 2025.

CROPLEY, A. J. Negligência da criatividade na educação: uma questão moral. In: Moran, S; CROPLEY, D. H; KAUFMAN, J. C (Eds.). A ética da criatividade (pp. 250 - 264). Nova York: Palgrave Macmillan, 2014. Disponível: https://link.springer.com/chapter/10.1057%2F9781137333544_15. Acesso em: jan. 2025.

DEBENEDETTI, S; CARO, F; KREBS, A. "Prefiro brincar do que olhar para estátuas": as experiências de crianças com obras de arte e dispositivos interativos em uma exposição de arte. International Journal of Arts Management, 11 (3), 46 – 58, 2009. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41064997?seq=1. Acesso em: jan. 2025.

DEWEY, J. Arte como experiência. New York: Minton Balch, 1934.

DIAS, A. O museu como espaço de aprendizagem: Contributos para a promoção da literacia científica. (PhD thesis, unpublished document). Lisboa: Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2014. Disponível em: https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/6113. Acesso em: jan. 2025.

FLEMING, D. Posicionando o museu para a inclusão social. Londres: Routledge, 2002. Disponível em: http://scholar.google.com/scholar_lookup?hl=en&publication_year=2002&pages=213 -224&author=D.+Fleming&title=Museums%2C+society%2C+inequality. Acesso em: jan. 2025.

GADOTTI, M. Informação, conhecimento e sociedade em rede: Que potencialidades? Educação, Sociedade & Culturas, 23, 43–57, 2005. Disponível em: https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC23/23-Moacir.pdf. Acesso em: jan. 2025.

GREENWOOD, T. O que torna a arte boa? Um estudo de caso das respostas estéticas das crianças às obras de arte. Mestre da educação. Nova Zelândia: University of Canterbury, 2011. Disponível em: https://ir.canterbury.ac.nz/handle/10092/5751. Acesso em: jan. 2025.

KAUFMAN, J. C; BEGHETTO, R. A; DILLEY, A. Compreendendo a criatividade nas escolas. In: LIPNEVICH, A. A; PRECKEL, F; ROBERTS, R. D (Eds.). Habilidades psicossociais e sistemas escolares no século 21 (pp. 133 153). Nova York: Springer International Publishing, 2016. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-3-319-28606-8_6. Acesso em: jan. 2025.

KEIJER, M. G; NAGEL, I; LIEFBROER, A. C. Efeitos da situação cultural e econômica dos pais nos programas de patentes de viagens de adolescentes.
Revista Europeia de Sociologia, Vol. 32, Nº 5, pp. 607 – 18, 2016. Disponível em: https://academic.oup.com/esr/article/32/5/607/2197563. Acesso em: jan. 2025.

MALAGUZZI, L. Sua imagem da criança: Onde o ensino começa. Early Childhood Educational Exchange, vol. 2, Nº. 96, pp. 52 – 61, 1993. Disponível em: http://feelgood-designs.com/wp-content/uploads/2017/04/malaguzzi-ccie-1994.pdf. Acesso em: jan. 2025.

MANSOUR, M; MARTIN, A. J; ANDERSON, M; GIBSON, R; LIEM, G. A. D; SUDMALIS, D. Fatores sociodemográficos do aluno, do lar e da escola: Links para a participação artística na escola, no lar e na comunidade. Investigador australiano educacional, 43 (2), 221 – 244, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s13384 015 0199 7. Acesso em: jan. 2025.

MELNICK, S. A; WITMER, J. T; STRICKLAND, M.

J. Cognição e aprendizagem do aluno através das artes. Revista de Educação Artística, 112 (3), 154 – 162, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1080/10632913.2011.566100. Acesso em: jan. 2025.

PIAGET, J. Brincadeiras, sonhos e imitações na infância. (Gattegno, C; HODGSON, F. Trad.). Londres: Routledge e Kegan Paul, 1962.

ROBB, A. Curiosidade de curadoria: uma exploração de experiências de artes visuais e formação de autoidentidade por meio das vozes de crianças pequenas. Doutor em Filosofia (PhD). Dundee: University of Dundee, 2019. Disponível em: https://ethos.bl.uk/OrderDetails.do?uin=uk.bl.ethos.763003. Acesso em: jan. 2025.

TAN, M; GIBSON, R. Você se sente um artista como "Leonardo da Vinci": capturando as vozes e atitudes de crianças pequenas em relação às artes visuais. Jornal Internacional de Educação pela Arte, 13: 3, 295 – 315, 2017. Disponível em: https://www.ingentaconnect.com/content/intellect/eta/2017/00000013/00000003/art00003;jsessionid=85hbj3318f6p6.x-ic-live-03. Acesso em: jan. 2025.

TROWSDALE, J. Imaginação: recriando espaços através da arte colaborativa. Teorias-Pesquisa-Aplicações, Vol. 3, Nº 2, pp. 274 – 91, 2016. Disponível em: https://www.sciendo.com/article/10.1515/ctra-2016-0018. Acesso em: jan. 2025.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

YOUNG, I. M. Inclusão e democracia. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press, 2000. Disponível em: http://scholar.google.com/scholar_lookup?hl=en&publication_year=2000&author=I.+ M.+Young&title=Inclusion+and+democracy. Acesso em: jan. 2025.